



**FREINET NA PEDAGOGIA, PEDAGOGIA COM FREINET:
TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA E
INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS FREINETIANOS**

**FREINET EN LA PEDAGOGIA, PEDAGOGIA COM FREINET:
TRAYECTORIA TEÓRICO-METODOLÓGICA Y
INSTRUMENTOS PEDAGOGICOS FREINET**

**FREINET IN PEDAGOGY, PEDAGOGY WITH FREINET:
THEORETICAL-METHODOLOGICAL TRAJECTORY AND
PEDAGOGICAL INSTRUMENTS FREINET**

Guilherme do Val Toledo Prado¹
Heloísa Helena Dias Martins Proença²
Lucianna Magri Melo Munhoz³
Vaniza Ghidotti⁴

158

Resumo: O presente artigo tem por objetivo expor uma proposta de formação em que a organização dos tempos e espaços de ensino em uma disciplina de um curso de graduação em pedagogia em uma universidade pública, orientou-se pelos princípios da Pedagogia Freinet, com o uso de algumas técnicas e instrumentos pedagógicos propostas pelo educador francês. Para isso, abordaremos como essas técnicas e instrumentos foram utilizadas, apontando suas potencialidades com o intuito de explicitar contribuições para a formação de professores.

Palavras-chave: Ensino Superior. Pedagogia Freinet. formação docente.

¹ Professor Livre-docente da Faculdade de Educação da UNICAMP. E-mail: gvptoledo@gmail.com

² Doutoranda pela Faculdade de Educação da UNICAMP e formadora de professores.
heloisamartinsproenca@gmail.com

³ Doutoranda pela Faculdade de Educação da UNICAMP, formadora de professores e Professora da Prefeitura Municipal de Campinas. E-mail: E-mail: luciannamagri@hotmail.com

⁴ Pedagoga, Especialista em Políticas Públicas, Professora de educação Básica Rede municipal de Sumaré e Prefeitura de Paulínia. Professora em curso de Pedagogia em Universidade de Paulínia - UNIFACP. E-Mail: vanizaghidotti@yahoo.com.br.



Abstract: The purpose of this article is to present a proposal of formation in which the organization of the times and spaces of teaching in a discipline of a course of graduation in pedagogy in a public university, was guided by the principles of Freinet Pedagogy, with the use of some techniques and pedagogical tools proposed by the French educator. To that end, we will approach how these techniques and instruments were used, pointing out their potentialities with the purpose of making explicit contributions to teacher training.

Keywords: Graduation. Freinet Pedagogy. teacher training.

Resumen: El presente artículo tiene por objetivo exponer una propuesta de formación en la que la organización de los tiempos y espacios de enseñanza en una disciplina de un curso de graduación en pedagogía en una universidad pública, se orientó por los principios de la Pedagogía Freinet, con el uso de algunas técnicas e instrumentos pedagógicos propuestos por el educador francés. Para ello, abordaremos cómo esas técnicas e instrumentos se utilizaron, apuntando sus potencialidades con el propósito de explicitar contribuciones para la formación de profesores.

Palabras clave: Graduación. Pedagogía Freinet. formación docente.



INTRODUÇÃO

Se quisermos uma escola outra temos que pensar numa formação outra de professores. E com esse pensamento reorganizamos os tempos e espaços de ensino em uma disciplina de um curso de graduação em pedagogia em uma universidade pública. Tendo como referencial teórico prático os instrumentos pedagógicos propostos pelo professor francês, Célestin Freinet.

A disciplina que tratamos, denominada “Metodologia do Ensino Fundamental”, tem como ementa o seguinte texto:

Trabalho de campo orientado para o diagnóstico dos componentes metodológicos envolvidos na prática educativa das escolas públicas de ensino fundamental, procurando analisá-las no conjunto das determinações mais amplas a que estão submetidas. Numa perspectiva integrada da área de Magistério, propor reflexões a partir da prática das escolas, a serem encaminhadas para as metodologias específicas, visando a continuidade do trabalho (Catálogo de Ementas de Disciplinas de Graduação, 2018 – acesso em 20/04/2019 pelo link: <https://www.dac.unicamp.br/sistemas/catalogos/grad/catalogo2018/coordenadorias/0006/0006.html#EP153>)

160

A disciplina em questão acontecia no período noturno e dos 57 estudantes frequentes, a grande maioria, estava cursando o 4º semestre do curso; dentre eles alguns já trabalhando na área de educação e outros em empregos variados. Além do professor responsável pela disciplina, havia uma monitora da graduação do programa de apoio docente (PAD), uma monitora da pós-graduação do programa de estágio docente (PED) e uma professora da escola básica, convidada a participar como voluntária. É importante destacar: o professor responsável pela disciplina, além de ter orientado trabalhos de conclusão de curso e mestrados com a temática da Pedagogia Freinet, também participou de cursos de especialização na temática; a monitora de pós-graduação, doutoranda do programa, além de ter mais de 20 anos de experiência na educação básica no trabalho com a Pedagogia Freinet, é formadora de professores e pesquisadora no doutorado sobre a Pedagogia Freinet; a professora da escola básica, voluntária na disciplina, tem 30 anos de experiência de trabalho com a Pedagogia Freinet na escola básica e na educação de jovens e adultos. Além disso, a mesma disciplina já havia sido proposta em situações anteriores, com aproximação nos elementos fundantes desta Pedagogia.



Neste contexto experiencial dos propositores da disciplina, a organização dos tempos e espaços de ensino e aprendizagem, tendo como referência a Pedagogia Freinet, não implicaria em infantilizar os estudantes, fazendo-os sentarem-se em cadeiras de crianças e oferecer massinhas de modelar para brincarem com o intuito de compreender a materialidade escolar proposta por Freinet. Numa perspectiva de formação integral, como proposta pelo professor da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a organização dos espaços e tempos na aula da disciplina implicaria em considerar os estudantes como sujeitos ativos de seus processos de aprendizagem, para que eles pudessem exercer o direito de escolherem seus percursos de aprendizado a partir da oferta de variadas situações de ensino.

Isto não quer dizer que não havia uma proposta sistematizada de proposições, gestada em diálogo com o que era proposto na ementa. A presença de uma professora da educação básica atendia a necessária relação com o cotidiano escolar como indicado na ementa. O professor responsável pela disciplina, em diálogo com a monitora de pós-graduação com experiência na educação básica e a professora da escola, elencaram as relações teórico-metodológicas constitutivas do cotidiano escolar, estabelecendo os objetivos da disciplina com o intuito de propor uma ambiência formadora e transformadora levando-se em conta os interesses individuais e coletivo dos futuros professores em formação.

161

Com clareza de princípios, a proposta de ensino da disciplina foi pautada pelos quatro pilares com os quais Freinet (1975) organizou sua pedagogia: livre expressão, autonomia, cooperação e trabalho. Freinet dizia que todo ser humano tem necessidade de exprimir seus sentimentos e ideias, comunicar-se, criar, agir e conhecer. Por isso valorizava o tateio experimental de seus estudantes, assim como seus modos de organização e de avaliação frente as tarefas assumidas no contexto escolar (SAMPAIO, 1989). Portanto, o contato com os estudantes nos quinze encontros de quatro horas foi orientado por esses princípios de modo que no decorrer da aula os estudantes pudessem vivê-los em suas diversas dimensões formativas.

Neste contexto formativo do qual professores e estudantes fazem parte, pudemos nos perceber como sujeitos ativos e realizando de modo vívido o proposto por Freire (2009) quando nos indica que a docência precisa ser vivida na relação com o aprendizado discente, ou mais radicalmente, reconhecemos e conhecermos nosso lugar no mundo e nele agir a partir da



expressão e das experiências coletivas, colocando-nos também em exercício de construção e transformação, na formação de futuros professores.

Neste artigo, destacaremos alguns momentos dos encontros que foram marcantes no uso das técnicas e instrumentos Freinet, bem como aspectos que podem ser relevantes na constituição de uma pedagogia universitária na formação de professores a favor do desenvolvimento humano em uma perspectiva integral (FREIRE, 1967/1987/2000/2005).

TÉCNICAS E INSTRUMENTOS FREINET – AS AULAS NA UNIVERSIDADE.

No primeiro encontro da disciplina o professor apresentou a proposta do curso e a forma como seria conduzido pela Pedagogia Freinet. Fizemos uma grande Roda de Conversa na qual cada um pôde se apresentar, dizer o nome, qual curso e ano faziam, se trabalhavam ou estagiavam, e quais eram suas expectativas em relação a disciplina. Alguns já haviam ouvido falar sobre Freinet em outras disciplinas, ou conheciam o trabalho de uma escola particular na cidade de Campinas que se pauta na Pedagogia Freinet, mas a maior parte tinha pouco conhecimento sobre o autor. Ainda nesta mesma noite, conversamos sobre como seria a organização dos encontros, a bibliografia trabalhada, os processos avaliativos e registros. De maneira aberta e participativa estabelecemos o nosso contrato pedagógico.

162

Assim, também pudemos ouvir dos alunos o que eles pensavam sobre o que viria a ser o que significava a ementa da disciplina. Entre as exposições alguns disseram que seria *a prática docente, a prática da teoria, aprender didática e conhecer diferentes métodos*, enquanto outros disseram “não saber”, pois ainda não trabalhavam na área educacional.

Em todas as aulas que sucederam a primeira, a livre expressão dos estudantes foi marcante em nossas propostas e ouvi-los foi fundamental na construção do diálogo produzido. Com eles pudemos decidir as escolhas que faríamos e, juntos, percorremos a busca pelo conhecimento, alicerçado pelos interesses que compartilhamos ou por interesses particulares a depender do papel que exercemos na experiência.

Também juntos, fomos nos envolvendo e nos interessando, cada vez mais, pelas investigações que fazíamos ao nos aproximar dos objetos do conhecimento que desejávamos compreender ou aprofundar. É necessário dizer que há situações em contextos educacionais em que a livre expressão causa certo medo nos educadores, por possibilitar que a aula caminhe num



curso que não é controlado a priori. Em nossa experiência, permitir que o curso fosse uma decisão coletiva, nos ajudou a manter um alto grau de interesse e participação de todos nós nas aulas, independente do papel que desempenhamos.

Buscamos favorecer a expressão que é livre dos estereótipos, que é livre das fórmulas prontas, livre dos constrangimentos. Buscamos a expressão autêntica e original (...) Trazer a possibilidade dessa expressão autêntica é favorecer a expressão do novo no mundo. (FERREIRA, 2003, p. 25)

Como a disciplina tinha como objetivo conhecerem diversas metodologias de ensino para que aos poucos cada um pudesse ir construindo a sua “Teoria Pedagógica Pessoal - entendida como a construção de princípios teórico-metodológicos a balizar as práticas pedagógicas e os processos de reflexão do trabalho educativo no cotidiano escolar, conforme definição proposta pelo professor responsável pela disciplina – não seria justo da nossa parte apresentarmos somente uma proposta pedagógica para os alunos e assim definirmos que a única correta ou aceitável fosse a Pedagogia Freinet. Tomando este cuidado, explicitamos aos estudantes que iríamos organizar nossos encontros por meio dos instrumentos da Pedagogia Freinet, mas que nossa intenção era que eles pudessem, de forma individual ou em pequenos grupos, escolher algum autor, pensador ou proponente de outras Pedagogias para pesquisarem e socializarem suas descobertas com todo o grupo. Para isso indicamos o site do MEC⁵, no qual encontram-se disponibilizados 62 arquivos de livros de educadores brasileiros e internacionais, importantes pensadores no âmbito da educação. Como última atividade da noite, apresentamos o Livro da Vida, caderno no qual se registram todos os acontecimentos, projetos da turma, seja em forma de texto ou desenho, poesias ou outras escolhas expressivas, como se fosse um diário, e perguntamos qual grupo gostaria de levá-lo para fazer o registro do primeiro encontro.

163

Na semana seguinte começamos o encontro fazendo a leitura do registro do livro da vida e ficamos maravilhados como o capricho e sensibilidade dos estudantes com esse registro. Nos momentos seguintes pudemos observar e sentir que a cada produção o envolvimento tornava-se cada vez mais intenso e significativo. Todos nós estávamos motivados com a proposta e,

⁵http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?skip=0&co_categoria=133&pagina=1&select_action=Submit&co_midia=2&co_



mediados pelos princípios compartilhados, íamos nos aproximando cada vez mais do conteúdo de ensino e dos preceitos da Pedagogia Freinet.

Então, passamos o filme francês⁶ “O professor que deixava as crianças sonharem” que apresenta de forma clara um resumo da vida e obra de Freinet.

Em seguida, fizemos uma grande votação para escolhermos o nome da turma e assim podermos fazer a capa do livro da vida. Entre vários nomes sugeridos, escolheram “*Turma do Recrio*”, com a justificativa de que o recreio era o momento preferido, de muitas crianças nas escolas e de vários estudantes presentes na disciplina também.



164

Imagem 1.Capa do Livro da Vida produzida pelos alunos.

Após a apresentação do Livro da vida pelo grupo de estudantes, colocamos na lousa o nome dos ateliês que iríamos trabalhar naquela noite e o número de pessoas que poderiam participar em cada um deles. Esclarecemos que esta ferramenta freinetiana consiste na organização da sala em pequenas estações de trabalho com a disponibilização de diferentes materiais para que os alunos escolham com qual linguagem pretendem conhecer, trabalhar, se expressar. Situação que demanda uma organização prévia e cuidadosa do professor. Freinet esclarece que

Toda a nossa pedagogia está baseada nos utensílios e nas técnicas. São eles que modificam a atmosfera da vossa aula, e assim, o vosso próprio

⁶ Título original: Le maître qui laissait les enfants rêver. Direção: Daniel Losset (França, 2006, 90 min., a cores). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=siIaRfcDevY>. Acessado em: 28 de abril de 2019.



comportamento, tornando possível este espírito de libertação e de formação que é a razão de ser das nossas inovações. (FREINET, 1975, p. 115)

Neste segundo dia de aula organizamos nove ateliês, nomeados como: Desenho, Recorte e Colagem, Capa do livro da vida, Correspondência com a Roseane⁷, Correspondência com graduandos da faculdade de Ourinhos⁸, Teatro, Música, Biblioteca com os livros de Freinet, Entrevista com a Professora da escola básica. Apresentados os ateliês e no contexto da proposta Freinet de organização do ensino, pedimos que os estudantes ficassem livres para escolher os ateliês que se interessavam, mas que não perdessem o objetivo de “produzirem algum entendimento sobre o filme que havíamos assistido”. Combinamos o tempo de 1 hora de ateliê, mas eles ficaram tão envolvidos que não queriam fazer intervalo e pediram mais tempo para concluírem os trabalhos.

A alegria e o envolvimento deles saltava aos olhos! Como dizia Freinet, a vida havia entrado para sala de aula. E assim atingimos um dos objetivos da disciplina, que era deles sentirem em atos como é bom e gratificante quando nos dedicamos à um trabalho que tivemos o direito de escolher. “É a vida que vamos encontrar e este encontro constituirá o facto decisivo da nossa pedagogia” (FREINET, 1975, p. 55).

Em seguida nos organizamos numa grande roda para socializarmos as produções e impressões sobre as vivências produzidas naquela experiência. Como a turma era muito grande, combinamos que alguns grupos iriam se apresentar no começo da próxima aula.

Para o segundo encontro também reservamos um tempo para que pudessem escolher entre os autores do site do MEC que desejaríamos conhecer com maior profundidade e, assim, organizarmos os grupos de trabalho. Ficou estabelecido um total de 13 grupos e foram escolhidos os seguintes pensadores: Freire, Makarenko, Montessori, Cecília Meireles, Rousseau, Florestan Fernandes, Gramsci e Frobel.

Como tarefa de casa, pedimos para que cada um trouxesse para o próximo encontro uma planta baixa da sala de aula em que trabalhavam, estagiavam ou da escola que frequentavam quando eram crianças. Pedimos que utilizassem escala real, que definissem onde ficavam as

⁷ Professora da Educação Infantil de uma rede municipal de ensino que trabalha com a Pedagogia Freinet

⁸ Essa correspondência foi possível pois uma professora desta faculdade e que trabalha com a Pedagogia Freinet em suas disciplinas se dispôs a intermediar essa troca de cartas.



janelas, portas, armários fixos e o que fosse móvel não haveria a necessidade de desenharem. Também disponibilizamos no espaço virtual da disciplina no Moodle, o arquivo de um artigo sobre o espaço como terceiro educador e a importância da arquitetura para a educação⁹

Começamos o terceiro encontro lendo o registro do livro da vida e em seguida terminamos as apresentações que não foram feitas no encontro anterior, com as temáticas dos ateliês leitura da entrevista com a professora da escola básica, a carta que iria para Ourinhos, uma cena de teatro e uma música sobre o filme do Freinet.

Ainda neste mesmo encontro, num segundo momento, pedimos que se organizassem em pequenos grupos e socializassem suas plantas baixas e assim pudessem discutir de que forma a distribuição da mobília constitui as relações estabelecidas entre professor e alunos e como se dá a constituição das aprendizagens na relação entre os sujeitos e os conhecimentos escolares. Depois pedimos que, em grupos, usassem as plantas baixas e propusessem, via recortes e colagens, uma nova organização para a sala de aula. Íamos passando nos grupos e fazendo perguntas, tais como: vocês acham que deveria ter uma biblioteca de sala? Os materiais deveriam ficar no alto ou na altura das crianças? Onde? Deveria haver lousa? Pia? Animais de estimação? Plantas? Computador? Impressora? A organização em ateliês serve somente para a Educação Infantil? Há necessidade de haver lugar para expor as produções? O que os textos lidos podem nos ajudar?

166

Os grupos se agitavam a cada pergunta lançada, alguns defendiam não haver mais necessidade de lousa hoje em dia já que eles não acreditavam na eficiência de aulas expositivas, outros diziam que era importante a lousa, que ela cumpria uma função de registro e sistematização dos conhecimentos trabalhados. As ideias e opiniões circulavam e produziam mais reflexões, mais conversas, mais diálogo.

Perguntamos a nós mesmos: Como? Freinet pode contribuir na compreensão de tudo que acontecia nas discussões dos grupos? O que ele diz sobre materialismo escolar? É importante compreender que

⁹Texto de Ana Beatriz Goulart de Faria, “Por outras referências no diálogo arquitetura e educação: na pesquisa, no ensino e na produção de espaços educativos escolares e urbanos. In Em Aberto, Brasília, v. 25, n. 88, p. 99-111, jul./dez. 2012,



(...) Freinet entendia por “materialismo escolar”, em oposição à pedagogia tradicional, idealista, tem por base dois conceitos marxistas: o trabalho é o grande princípio educativo e os homens são formados mediante suas circunstâncias. Nesta perspectiva, belas declarações idealistas não significam nada se não forem mudadas materialmente as condições de sua realização. Em outras palavras, o fato de Freinet introduzir o prelo na sua sala de aula (condição material que muda toda a estrutura, a geografia deste espaço, introduzindo nele o trabalho cooperativo e produtivo) tem um impacto muito maior na aprendizagem do que todos os discursos que propõem que o aluno seja “sujeito do processo educativo” sem, contudo, mudar em nada a estrutura material da classe. A materialidade (o que Freinet chamava de técnicas e ferramentas de ensino) é a condição que o professor se dá para traduzir em realidade suas intenções. (OLIVEIRA, 1995, p.94)

Então fizemos uma apresentação em power-point sobre algumas possibilidades de planta baixa de sala de aula, mostrando como poderíamos nos valer de materiais simples e acessíveis para dividirmos os espaços com prateleiras, armários e biombos. Apresentamos um trecho da tese da professora Cristina Maria Campos¹⁰, na qual ela narra como era a organização de sua sala de Segundo Ano do Ensino Fundamental, com rede, jardim japonês, puffs, biblioteca.

167

Neste mesmo encontro, ainda retomamos a conversa da aula anterior sobre o materialismo escolar e conversamos sobre a diferença entre ateliês e cantinhos difundidos em alguns cursos que se dizem construtivistas. Em linhas gerais, podemos dizer que os cantinhos oferecem às crianças a oportunidade de participarem de atividades em diferentes linguagens, e exigências, de acordo com a idade e capacidade de cada uma. Porém, cabe ao professor a escolha da atividade que cada criança participará, bem como o tempo que nela permanecerá. Tal postura se distância da Pedagogia Freinet, pois Freinet concebe a criança como um cidadão em formação, que tem seus direitos garantidos, e portanto pode escolher. Foi um dos primeiros educadores a reconhecê-la como produtora de cultura e saberes, que se realiza por meio de suas ações e criações.

Após essa conversa combinamos as datas de apresentações dos grupos, estabelecemos que teriam um mês para se preparem e combinamos que deveriam fugir de seminários

¹⁰Cumplicidade e fantasia na composição do trabalho docente: as narrativas pedagógicas no cotidiano escolar. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação em 2016.

exclusivamente expositivos, dando preferência a propostas interativas e que pudessem movimentar a audiência a favor de aprendizados mais dinâmicos.

No quarto encontro, assim como nos que seguiram, começamos a aula com Livro da Vida. Em seguida, apresentamos para a turma a proposta de, no final curso, recebermos a visita de Ruth Joffily, professora e formadora Freinet a mais de 40 anos. E que para isso precisaríamos levantar perguntas para encaminhar a ela. Recebemos a carta da Roseane e combinamos que aqueles que quisessem poderiam visitar a escola municipal na qual ela trabalhava. E assim apresentamos aos estudantes a primeira técnica criada por Freinet, a aula-passeio. Com olhos e ouvidos atentos às suas crianças, Freinet via que elas tinham muita dificuldade em ler as frases desconexas e sem sentido dos manuais, pois percebiam que seus pensamentos estavam muito distantes da sala de aula, e assim teve a ideia de saírem da escola e passearem pela vila em que moravam. No caminho viram bosques, o rio, as plantações, os trabalhadores. O jovem professor dizia que a aula-passeio era um clarão de vida que entrara na sala de aula.

168

Verificava-se um divórcio total, e inevitável, entre a vida e a escola. O trabalho que éramos, deste modo, obrigados a fazer, perdia por este facto todos os benefícios do trabalho vivo, tornando-se uma tarefa fastidiosa e sem qualquer objetivo. (FREINET, 1964, p. 24)

Freinet queria a vida circulando nas aulas, nos estudos e nas formas de ensinar e aprender. Da mesma forma, nós desejávamos que a experiência com a disciplina pudesse fazer sentido para os estudantes e que todos construíssem conhecimento na relação com os colegas, conosco e com as experiências que íamos procurando partilhar. Nossa sensibilidade em compreender a vida de todo grupo precisa acolher suas demandas. E como muitos estudantes na disciplina trabalhavam, não seria possível organizarmos coletivamente uma aula-passeio, como proposto por Freinet por isso deixamos a proposta da visita em aberto, caso alguns estudantes pudessem realizá-la em algum momento no decorrer dos nossos encontros.

As aulas eram cuidadosamente preparadas por todos os educadores envolvidos, mas também construídas com a participação efetiva dos estudantes da disciplina. Todos os acordos e decisões foram tomados coletivamente.



Imagem 2: alunos em ateliês.¹¹

Freinet faleceu em 1966 e um pouco antes de sua morte, juntamente com o coletivo de professores do Movimento da Escola Moderna, elencou um conjunto de princípios que norteiam sua Pedagogia, chamados de *invariantes*, pois eles acreditavam que eram princípios universais e não deveriam variar em tempo e espaço. Passados quarenta anos, o professor espanhol, Ibernnon, escreve um livro inteiro dedicado a atualidade das Invariantes pedagógicas de Freinet, assegurando que o livro que escreveu é sua pequena e particular homenagem a Célestin Freinet. Na obra enfatiza que

169

A releitura das invariantes anos depois nos provocou sensações diversas. Por um lado, certa impotência, ou melhor, desconcerto, ao ver que muitas – demasiadas – ainda são um ideal, uma reivindicação para a escola. Como consequência, nos fez ver que a educação não avançou tanto quanto nós, que nascemos depois da metade do século XX, quisemos, e que temos que seguir na batalha, continuar lutando para que a educação seja um direito e uma possibilidade de felicidade para todas as crianças. (IBERNON, 2012, p. 95)

Compreendendo a importância de nos debruçarmos nesse estudo, como proposta para a quarta aula, levamos para cada aluno uma folha contendo as 30 invariantes pedagógicas. Na mesma folha também havia uma tabela para que fosse preenchida com as seguintes cores: verde, amarelo e vermelho, de acordo com o que acreditam e já praticam. A atividade trouxe uma

¹¹ Imagem autorizada pelos alunos para fins de estudo e pesquisa.



grande discussão e mostrou como esse material pode servir como um instrumento de autoavaliação do professor.

Um ponto que vale a pena lembrar é que Freinet era um professor pesquisador. O movimento Freinet é um movimento de professores pesquisadores de suas propostas práticas e ter acesso a essas vivências e materiais não significa a conversão desses professores em freinetianos, mas sim possibilitar conhecerem como um grupo de profissionais comprometidos se organizam e produzem novos saberes pedagógicos. Entendemos que na formação de professores essas aproximações são muito relevantes para colaborar com a formação dos profissionais da educação. É importante compreender que

O Movimento de professores criado por Freinet é um exemplo bem sucedido de rede de professores, que propõe aos seus integrantes que divulguem suas conquistas e dificuldades com o propósito de formarem uma rede solidária de interlocutores, para que possam acolher e compartilhar seus desafios. Outro ponto importante é a reversibilidade dos papéis, que contribui para a formação de todos como intelectuais orgânicos e dirigentes do movimento. (MUNHOZ, 2010, p. 159)

170

Na sequência do trabalho que desenvolvemos na disciplina da Pedagogia, retomamos as atividades firmadas no contrato pedagógico do primeiro encontro e demos início as apresentações das pesquisas realizadas pelos grupos. A orientação para essa apresentação foi que ficassem livres, fazendo uso da livre expressão, princípio da pedagogia Freinet, para pensarem nas estratégias de apresentação. Esclarecemos que

A livre expressão é um aspecto que merece um olhar especial na Pedagogia criada pelo educador Célestin Freinet que enfatiza que o ser humano tem necessidade e desejo de se comunicar e se expressar em diferentes linguagens: desenho, escrita, fala e pelo corpo. O incentivo à livre expressão dos alunos na Pedagogia Freinet ocorre em todas as suas técnicas de ensino: Jornal Escolar, Roda de conversa, Imprensa escolar, Correspondência interescolar, aula-passeio, entre outras. Diante disso faz-se necessário uma reflexão sobre a importância da livre expressão, do movimento corporal na educação escolar para podermos explorar diferentes formas de linguagem e propiciarmos uma educação que foque o desenvolvimento integral dos alunos. (SCARPATO, 2017)



Iniciadas as apresentações, a nossa surpresa foi perceber o quanto a turma entendeu a ideia do que propomos e incorporou o "espírito" Freinet de ser. Assumiram outros princípios além da livre expressão em suas produções, realizando propostas pautadas na autonomia, na cooperação e no trabalho. Trabalharam muito, autonomamente procuraram outras referências relativas à vida dos pensadores tomados para estudo e cooperativamente, tanto presencialmente quanto virtualmente, construíram diferentes modos de apresentação!

As dinâmicas foram as mais variadas possíveis. Propuseram rodas de conversas temáticas, jogos, construções coletivas, encenações teatrais, monólogos e até o plantio de um abacateiro, com um ritual sensível, lembrando e homenageando Paulo Freire, na apresentação desse tema. Ao plantarem a árvore em um jardim que fica na frente do prédio da faculdade onde acontecia as aulas da disciplina, deram o nome do abacateiro plantado de "Pé de Freire"!

Quando falamos em roda de conversa apoiada nos princípios da Pedagogia Freinet, nos referimos a todas as possibilidades de construções que o diálogo confiante pode trazer para as salas de aula que a abraçam verdadeiramente.

171

Precisam sentir que encontraram em você, e na sua escola, a ressonância de falar com alguém que as escute, de escrever a alguém que as leia ou as compreenda, de produzir alguma coisa de útil e de belo, que é a expressão de tudo o que trazem nelas, de generoso e de superior. (FREINET, 1996, p. 104)

A roda de conversa é a primeira atividade do dia dentro de uma sala de aula Freinet e a última, em muitas situações de ensino e aprendizagem. Esse instrumento foi pensado inicialmente para ser utilizado com crianças, mas como Freinet mesmo diz em uma de suas invariáveis nº X "a criança e o adulto são da mesma natureza".

Pensando nisso as rodas de conversas para as apresentações dos conhecimentos adquiridos pelos alunos do curso de Pedagogia foram utilizadas com o objetivo de transcender as relações existentes na sala de aula e trazer a possibilidade de, mais do que uma transmissão dos conhecimentos, mobilizar a troca do apreendido e das experiências vividas.

O grupo que pesquisou sobre a Pedagogia Montessori, por exemplo, uniu a ideia da livre expressão de Freinet com o momento do chá proposto pela educadora, criando um clima agradável e uma sensação de acolhimento imenso, fazendo com que todos se propusessem a



manusear e a criar com os vários materiais trazido pelo grupo. O tempo foi pequeno para tantas possibilidades de criação! Conhecemos Montessori a partir de uma prática proposta pela autora para crianças, com dois importantes instrumentos da pedagogia Freinet: a roda de conversa e os ateliês.

Inegavelmente, o que pudemos experienciar nesses encontros foi uma relação outra entre aluno-aluno, aluno-professor, aluno-conhecimento e professor-aluno-conhecimento. Sobre essa outra forma de enxergar todas essas relações nesse espaço da sala de aula.

Os estudantes tiveram a possibilidade da escolha motivados por seus interesses, se comprometeram no cumprimento das atividades propostas, da melhor maneira possível, por apreciar o que escolheram, realizando as tarefas assumidas com grande afinco. A riqueza da diversidade esteve presente, pois a livre expressão esteve presente enquanto objetivo de construção. O plano de trabalho da disciplina foi construído num processo onde combinar, planejar e replanejar foi uma tônica muito forte, além disso foi necessária a participação de todos, verdadeiramente comprometidos com o ato de aprender-ensinar-aprender.

172

Ao final do semestre e também da disciplina, nos colocamos em movimento de avaliação, uma avaliação ampla, onde a ação de avaliar também foi compartilhada e construída com nossas impressões, compreensões e limites diante da experiência que partilhamos. Propusemos uma autoavaliação com o formato apresentado abaixo e com uma fundamentação freiriana. Paulo Freire nos diz do quanto ser conscientes das nossas possibilidades, do nosso estar no mundo, nos torna protagonistas (FREIRE, 2005). Freinet, nesse mesmo sentido, propõe que o avaliar-se é um dos eixos de sua pedagogia, pois avaliar na escola é conhecer e conhecer-se.



AUTOAVALIAÇÃO - ESTUDO EM GRUPO

NOME: _____

Tema Apresentado: _____

Por que a autoavaliação? *“A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação.”* Paulo Freire

Pensar em si, e na sua (nossa) trajetória, como fazemos e por que fazemos o que fazemos, poderá nos trazer o autoconhecimento e a consciência do que somos. Ser protagonista de suas (nossas) vidas e acreditando na capacidade de ser (sermos) atuante no mundo.

Pensando na importância de ter clareza sobre a trajetória percorrida, reflita e escreva sobre:

1- O tema que você escolheu, estava dentro das suas expectativas? Escreva sobre isso.

2- Você ficou satisfeito, satisfeita com os resultados alcançados?

3- Que conhecimentos apreendidos você considera ter sido relevantes para você?

4- Em relação a organização e relação com o grupo, você faria algo diferente?

5. Utilizando os critérios abaixo, faça a autoavaliação das atividades que você realizou na preparação do seminário, assinalando Sim, Não ou Parcial conforme a sua avaliação. Ao final, se dê uma nota de 0 a 10.

ATIVIDADES	Sim	Não	Parcial
1. Dedicção às leituras.			
2. Interesse, envolvimento, responsabilidade e compromisso com a atividade.			
3. Planejamento e organização da apresentação.			
4. Comunicação clara e respeitosa / Interação com a classe.			
5. Cooperação, relacionamento e harmonia do grupo.			
Nota			



Partilhamos, responsabilmente, com cada um dos estudantes, o compromisso de olhar para o percurso e tecer compreensões possíveis do que aprendemos e também de nossos processos particulares e coletivos do ato de aprender

Finalmente, no último encontro da disciplina, recebemos a visita da Ruth Joffily. Foi realizada uma grande roda de conversa e as perguntas iam surgindo pautadas nas experiências que havíamos compartilhado. Ruth, com muita disponibilidade, traçou diálogo, acolhendo todas as questões, respondendo com seu conhecimento sobre as teorias de Freinet e outros autores, mas sobretudo trazendo suas vivências construídas no ato da profissão. Muitos exemplos de suas salas de aula contextualizaram suas explorações e circunscreveram o que pode ser a Pedagogia Freinet na prática. Mais uma vez, experimentamos a livre expressão e a colaboração como elementos que colaboram grandiosamente na construção do conhecimento. Saímos transformados!

174

PARA ENCERRAR: O QUE APRENDEMOS COM A EXPERIÊNCIA QUE NARRAMOS?

Organizar nossas reflexões e produzir, narrativamente, o percurso desta experiência vivida em alguns dos encontros na disciplina “Metodologia de Ensino”, no curso de Pedagogia, orientados pelos princípios propostos por Celestin Freinet e seus instrumentos, nos possibilitou refletir sobre algumas contribuições para a uma pedagogia universitária na formação de professores.

Compreendemos que o planejamento de uma disciplina acadêmica, ainda que se oriente pelos conhecimentos indicados na ementa, necessita ser construído com aberturas para o diálogo e pautado em atividades que incitem a participação dos estudantes. Tanto a Roda de Conversa inicial quanto os Ateliês de Trabalho, individual e coletivos, como proposto por Freinet (1975), colaboraram na execução de atividades de ensino em que a participação é condição para sua realização, como também se inscrevem em um modo de produção de conhecimento mais partilhado e dialogal, como proposto por Freire (2009).

Além disso, a partir destes dois instrumentos da Pedagogia Freinet – Roda de Conversa e Ateliês de Trabalho – os processos de aprendizagem podem se orientar por outros dois grandes princípios pedagógicos do educador francês: a livre expressão e o trabalho cooperativo.

A partir das escolhas dos estudantes de qual pensador na área de educação eles iriam se aprofundar, foi possível perceber que a autonomia de escolha e o compromisso pelo aprendizado foram condição *sine qua non* para a explicitação dos conhecimentos aprendidos e produção das apresentações finais aos colegas da classe. Pautados pelos princípios da livre expressão e trabalho cooperativo, os estudantes construíram um diálogo afinado entre as propostas conceituais dos pensadores estudados e as formas de apresentar os conhecimentos aprendidos: ao estudar Paulo Freire, além da apresentação ter a participação de todos os envolvidos, o ato de plantar um abacateiro foi coerente com a compreensão que os estudantes tiveram do pensamento do educador; ao convidarem os colegas a dirigirem-se para uma sala de aula preparada com diferentes Ateliês de Trabalho, os estudantes que ficaram responsáveis por apresentar as contribuições de Cecília Meireles para a formação de educadores não só mostraram o que foi aprendido como também engajaram-se em produzir materiais e experiências que pudessem suscitar com vivências os aprendizados conceituais advindos do estudo da autora de literatura; ao mostrar em cartolinas desenhos produzidos a partir de interpretações relativas à leitura do pensamento de Rousseau e da obra Emílio, os estudantes responsáveis apresentaram aos colegas um modo diferente de compreender o pensador a partir de imagens coloridas e representativas dos conceitos rousseauianos.

175

Ademais, a produção do Livro da Vida possibilitou que a cada semana um grupo de estudantes expressasse de modo livre e autônomo as compreensões e interpretações aprendidas dos conhecimentos que circulavam na movimentada dinâmica das aulas, proporcionando o entendimento de que “ninguém aprende no lugar de ninguém” e “cada aprendizado é singular e idiossincrático”, como nos ensina Freire (2009).

Para finalizar, não se pode dirimir que o conjunto de vivências e reflexões proporcionadas pela professora convidada e a monitora de pós-graduação, profundas conhecedoras da Pedagogia Freinet, foi um diferencial no diálogo com o professor responsável da disciplina e os conhecimentos teórico-metodológicos apresentados pelos estudantes. A experiência com os instrumentos da Pedagogia Freinet no cotidiano da escola básica, bem como aquelas constituídas em formações junto a professoras e professores, propiciou que os estudantes não só compreendessem a viabilidade das práticas pedagógicas orientadas pelos princípios freinetianos, como também experienciassem a força destas técnicas em uma situação

acadêmica formal e institucionalizada. As aulas constituíram-se da vida e todos aprendemos muito.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Gláucia de Melo (org.). Palavra de Professor(a): tateios e reflexões na prática da Pedagogia Freinet. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
Disponível

em:http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/livro_freire_educacao_pra Acesso em: 20 abril. 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em:http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do . Acesso em: 20 abril. 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000. Disponível

em:http://www.dhnet.org.br/direitos/.../paulo_freire_pedagogia_da_indignacao.pdf . Acesso em: 20 abril. 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 41ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

FREIRE, P. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 2009.

FREINET, Célestin. As técnicas Freinet da escola moderna. Lisboa: Estampa, 1975.

_____. O jornal escolar. Lisboa: Estampa, 1976.

_____. Para uma escola do povo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



IMBERNON, F. Pedagogia Freinet, a atualidade das invariantes pedagógicas. Porto Alegre: Penso, 2012.

MUNHOZ, Lucianna Magri de Melo. Escrever, inscrever, reescrever: reflexões sobre a escrita docente no Movimento de Professores da Pedagogia Freinet. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2010.

SCARPATO, Marta. A livre expressão na Pedagogia Freinet. Revista Ibero-americana de Estudos em Educação, [s.l.], v. 12, n. 1, p.620-628, 12 abr. 2017. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educaçao. <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.1.2017.9667>.